

Fernando Bonassi

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Eu gosto de pensar que minha literatura (crônicas, contos, romances, peças...) é um registro aberto do tempo histórico em que escrevo. Por isso, desejo que meus textos possam auxiliar os historiadores do futuro, ao mesmo tempo que lhes dê emoção literária.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Simplicidade de execução, alta ambiguidade de significados e, ao mesmo tempo, clareza de propósitos.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Minha literatura nasce na classe média baixa devastada pelo milagre dos anos 1970. Sou a primeira pessoa da minha família a comprar um livro de ficção e a primeira a chegar à universidade pública (Cinema na USP). Não pertencço à tradição nenhuma, já que minha classe social sempre foi banida da norma culta da literatura brasileira, coisa, até bem pouco tempo, de acadêmicos e funcionários públicos.

Como você pensa a forma literária?

A forma é mais importante que o conteúdo.

Fernando Bonassi (1962) é autor do romance *Subúrbio* (Objetiva, 1994) e do livro de contos *Passaporte* (Cosac Naify, 2001), entre outros. No teatro, destaca-se com a dramaturgia para o espetáculo *Apocalipse 1,11*, do Teatro da Vertigem, e os monólogos *Três cigarros e a última lasanha* e *O incrível menino da fotografia* (texto e direção). É roteirista dos filmes *Castelo Ra Tim Bum*, *Carandiru* e *Cazuza: o tempo não para*.